

Manipulação discursiva e desinformação na pandemia de Covid-19: o discurso antivacina nas redes sociais

Melissa Maria do Nascimento Sousa (UFC)*

<https://orcid.org/0000-0003-3515-3421>

Júlio César Rosa de Araújo (UFC)*

<https://orcid.org/0000-0001-7399-3769>

Resumo:

Neste artigo, o nosso objetivo foi analisar a prática discursiva de desinformação como recurso de manipulação de sujeitos, considerando a relação entre os processos de produção, distribuição e consumo de *fake news* no contexto da pandemia de Covid-19. Os pressupostos teórico-metodológicos envolveram categorias provenientes das abordagens dialético-relacional (FAIRCLOUGH, 2001) e sociocognitiva (VAN DIJK, 2010) do campo da Análise de Discurso Crítica, tomando o texto como unidade mínima perpassada pelas noções de poder hegemônico e ideologias. A metodologia se caracterizou como uma análise documental de caráter qualitativo, por meio da qual analisamos um corpus formado por seis *fake news* retiradas de sites de *fact-checking* e cujo assunto versava sobre a(s) vacina(s) contra o Coronavírus. Este material foi encontrado em redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, com um recorte temporal de agosto de 2020 a março de 2021. A análise nos permitiu descrever os aspectos discursivos-multissemióticos considerados nos momentos de produção e propagação dessas *fake news* em redes sociais, bem como identificar sua relação com a manipulação sociocognitiva de sujeitos, ocorrida no momento de consumo do material enganoso. Assim, este estudo propõe reflexões para aprimorar ações de combate ao negacionismo científico, que custou vidas no contexto pandêmico.

Palavras-chave: *Fake news*; Pandemia de covid-19; Análise de discurso crítica.

* Mestra em Linguística (2024) pela Universidade Federal do Ceará e graduada em Letras Português e suas Literaturas (2022) pela referida instituição. Atua na área da Linguística Aplicada e investiga, com base no campo interdisciplinar da Análise Crítica do Discurso, a prática discursiva de desinformação, com ênfase em narrativas conspiratórias, *fake news* e demais textos enganosos que circulam na web. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6467864117774437>. E-mail: profmelissasousa@gmail.com.

** Professor Titular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e no Departamento de Letras Vernáculas da UFC. Fortaleza-CE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3016042855685546>. E-mail: araujo@ufc.br.

Abstract:

Discursive manipulation and disinformation in the Covid-19 pandemic: the anti-vaccine discourse on social media

In this article, we aimed to analyze the discursive practice of disinformation as a resource for manipulating subjects, considering the relationship between the processes of production, distribution and consumption of fake news in the context of the Covid-19 pandemic. The theoretical-methodological assumptions involved categories from the dialectical-relational (FAIRCLOUGH, 2001) and sociocognitive (VAN DIJK, 2010) approaches of the field of Critical Discourse Analysis, taking the text as a minimum unit permeated by the notions of hegemonic power and ideologies. The methodology was characterized as a qualitative documentary analysis, through which we analyzed a corpus formed by six fake news taken from fact-checking sites and whose subject was about the vaccine(s) against Coronavirus. This material was found on social networks such as Facebook, Instagram and Twitter, with a time frame from August 2020 to March 2021. The analysis allowed us to describe the discursive-multisemiotic aspects considered in the moments of production and propagation of this fake news on social networks, as well as to identify their relationship with the socio-cognitive manipulation of subjects, which occurred at the time of consumption of the misleading material. Thus, this study proposes reflections to improve actions to combat scientific denialism, which cost lives in the pandemic context.

Keywords: *Fake news*; Covid-19 pandemic; Critical discourse analysis.

1. Introdução

Desde as eleições presidenciais de 2018, período em que se observou o protagonismo das *fake news* nas estatísticas de desinformação em mídias digitais¹, as estratégias de produção, distribuição e os efeitos resultantes do consumo de informações enganosas passaram a ser exploradas com mais ênfase no Brasil.

A desinformação é um fenômeno que desperta o interesse de várias áreas do conhecimento, como a Linguística (FERREIRA, 2021; LOPES, 2021; HISSA, 2021, ASSIS,

1 Estatística sobre o crescimento de notícias com menção ao termo “fake news”, no período das eleições de 2018 disponível em: <https://www.aberje.com.br/mencoes-ao-termo-fake-news-crecem-96-na-imprensa-nacional/>

2021, SANTIAGO; ARAÚJO, 2022), a Comunicação Social (LOPES; DIAS, 2021; MÜZZELL, 2020), a Psicologia (RAIS; NETO; CIDRÃO, 2019; SANTOS, 2020; GOMES, 2022) e a Ciência da Informação (CARVALHO; MATEUS, 2018; TOBIAS; CORRÊA, 2019; GOMES, 2022). Sendo atravessada por tantos campos disciplinares, a prática discursiva da desinformação pode ser analisada através das categorias que emergem desses campos.

Conforme consideraram os pesquisadores Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017)², as discussões acerca de como a

2 O trabalho pode ser conferido na íntegra em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-informa->

desordem informacional pode influenciar a manutenção ou a derrocada das democracias se avolumaram após alguns eventos, dentre os quais citam: o resultado da votação do “Brexit” no Reino Unido, em 2016, a eleição de Trump nos EUA, no mesmo ano, e a anulação do resultado eleitoral em setembro de 2017 no Quênia. Além disso, observaram que alguns dos efeitos da desinformação a longo prazo envolviam a promoção da confusão e desconfiança social, bem como o aumento de práticas de discriminação racial, étnica e religiosa.

Nesse contexto, justificam-se trabalhos como este, no sentido de criar inteligibilidade sobre os mecanismos mobilizados pelos produtores de textos que estejam a serviço da insciência informacional, bem como da fragmentação social, a fim de vislumbrarmos e aprimorarmos contra-estratégias a esses esforços. Isto posto, o objetivo a que nos propomos nesta pesquisa é o de analisar a prática discursiva de *fake news* em postagens das redes sociais Twitter, Instagram e Facebook, considerando os processos de produção, distribuição e consumo e a manipulação discursiva desenvolvida.

Este trabalho se organiza a partir da apresentação e discussão de conceitos caros a duas grandes correntes no campo da Análise do Discurso Crítica, a saber, a corrente dialético-relacional, preconizada por Norman Fairclough (2001) e a corrente sociocognitiva, proposta por Teun A. Van Dijk (2010), tais como prática discursiva, poder, manipulação do discurso e da cognição, estruturas sociais hegemônicas e as ideologias refletidas nas práticas sociais dos sujeitos em suas interações através dos textos em mídia digital.

Em seguida, apresentamos ao leitor os

[tion-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html](https://www.researchgate.net/publication/351111111).

critérios que embasaram nossas escolhas metodológicas na geração e análise das postagens referidas, a partir de um método caracterizado como análise documental, através do qual articulamos os dados e os conceitos dos proponentes das abordagens da ADC supracitadas.

Proseguimos com uma seção de análise e discussão dos resultados encontrados, a fim de demonstrarmos o alcance de nossos objetivos específicos de pesquisa quais sejam: *i* - descrever os processos de produção, distribuição e consumo de *fake news* no Twitter, Instagram e Facebook. *ii* - Identificar a relação da prática discursiva de produção de *fake news* com processo de manipulação discursiva. Por fim, nas considerações finais, retomamos os achados de pesquisa aqui discutidos, evidenciando, principalmente, as lacunas a que não pudemos dar conta, a fim de oportunizar a continuidade deste exercício analítico em novos trabalhos.

2. Fundamentação teórica

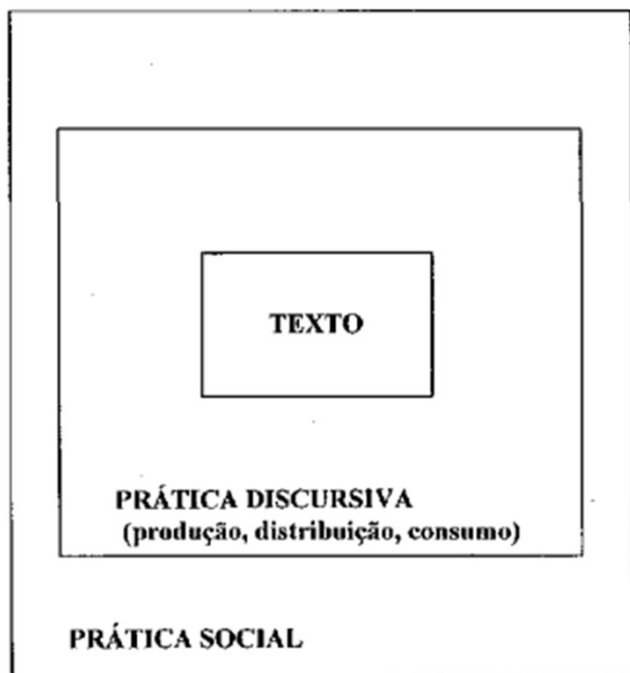
A Análise de Discurso Crítica se insere na tradição da Ciência Social Crítica, que questiona problemas sociais relacionados à justiça e ao poder. No campo de estudos da ADC se inserem algumas abordagens, dentre as quais está a Dialético-Relacional, tendo por principal expoente o linguista britânico Norman Fairclough, cujos pressupostos teóricos nos serviram de base nesta pesquisa.

Fairclough (2001) considera que problemas sociais são, em parte, problemas do discurso, e comunga da concepção funcionalista da linguagem segundo a qual o texto é um recurso de (inter) ação sobre o mundo. Esta concepção orienta o que o autor propõe chamar de Teoria Social do Discurso, em uma iniciativa de “fazer conexões explanatórias entre a natureza dos processos discursivos em instâncias particulares e a natureza das

práticas sociais de que fazem parte” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109).

A noção de discurso, cara à teoria proposta pelo linguista britânico, é compreendida a partir da congregação de três elementos, cuja relação entre si é intrinsecamente dialética. São estes elementos o texto, a prática discursiva - dimensão focalizada neste estudo, embora sejam as demais dimensões inevitavelmente inerentes a esta - e a prática social, conforme ilustrado na figura a seguir.

Figura 1 - Concepção tridimensional do discurso para Fairclough (2001).



Fonte: <https://sabinemendesmoura.files.wordpress.com/2012/08/discurso-e-mudanc3a7a-social-norman-fairclough.pdf>

Com relação à prática discursiva, Fairclough (2001, p. 109) entende que “os processos de produção e interpretação discursivas são atravessados por estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e convenções, como também ordens de discurso para a produção, a distribuição e o consumo de textos constituídos mediante a prática e a luta social passada”. Para o linguista britânico,

Há dimensões “sociocognitivas” específicas de produção e interpretação textual, que se centralizam na inter-relação entre os recursos dos membros, que os participantes do discurso têm interiorizados e trazem consigo para o processamento textual, e o próprio texto. Este é considerado como um conjunto de ‘traços’ do processo de produção ou um conjunto de ‘pistas’ para o processo de interpretação. Tais processos geralmente procedem de maneira não-consciente e automática, o que é um importante fator na determinação de sua eficácia ideológica, embora certos aspectos sejam mais facilmente trazidos à consciência do que outros. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109).

Assim, a Teoria Social do Discurso fundamenta nossa perspectiva segundo a qual práticas sociais de poder ilegítimo são incorporadas e reproduzidas por atores sociais através de estratégias discursivas, orientadas segundo os interesses particulares de grupos sociais hegemônicos. Especificamente, de maneira semelhante às reflexões tratadas em Santiago (2021) e Santiago e Araújo (2022), compreendemos que a desinformação através de *fake news* em mídias digitais no contexto do enfrentamento à pandemia de Covid-19, além de ser um problema de gerenciamento e circulação de informações, como definem Wardle e Derakhshan (2017)³, é uma prática discursiva, com estratégias particulares de produção, (re)distribuição e consumo.

Fairclough (2001), ao esboçar um modelo tridimensional de análise dos discursos, reconhece que eles são produzidos por grupos sociais mediante seus interesses em questionar ou manter uma determinada estrutura ou dinâmica social. Em suas palavras,

3 Segundo os autores, a desinformação pode ser definida como uma “informação que é falsa e deliberadamente criada para causar dano a uma pessoa, grupo social, organização ou país” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, tradução nossa).

Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões em meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122)

No contexto de sua elaboração, o autor propõe, também, examinar o conceito althusseriano de ideologia a partir de três asserções:

Primeiro, ela terá existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz a concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os linguistas ignoram no discurso (segundo Althusser, 1971: 161, n. 16), é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos de estado’ (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 116-117).

Partindo deste contexto e resguardadas as características peculiares das interações mediadas por tecnologias digitais na sociedade contemporânea, entendemos que os empreendimentos discursivos em redes sociais são manifestações atravessadas por crenças e ideologias dos sujeitos dos discursos que, mesmo subconscientemente,

desejam impactar ou influenciar, de algum modo, aqueles com quem mantêm contato à medida em que são, também, influenciados.

Compreendemos que os pressupostos teóricos de Fairclough (2001) podem embasar a análise das fake news coletadas, uma vez que a sua interpretação dos conceitos de ideologia e de poder hegemônico elucidaram a dinâmica da disputa de poder político-ideológica que se construiu também no contexto da pandemia de Covid-19.

Nesse sentido, são encaradas como progressistas pautas como a testagem e vacinação em massa, não sendo do interesse de grupos autodeclarados adeptos ao espectro político de direita, como religiosos protestantes⁴, conspiracionistas⁵ e profissionais de categorias elitizadas socioeconomicamente, como médicos⁶ antivacina, que prescreviam tratamento precoce⁷. Desta forma, membros de tais grupos mobilizam recursos multissemióticos para difundir suas crenças, no intuito de manipular discursivamente outros sujeitos em benefício próprio, contribuindo para uma irresponsabilidade sanitária (BISOL, 2020).

A abordagem da ADC de Van Dijk, denominada sociocognitiva, dialoga com os pressupostos de Fairclough (2001) e incrementa nossa discussão, pois nos permite analisar a forma pela qual os recursos discursivo-multissemióticos são processados e inter-

4 Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/porque-evang%C3%A9licos-americanos-resistem-%C3%A0-vacina-contracovid-19/a-55975325>

5 Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/teorias-da-conspiracao-e-desinformacao-explicam-hesitacao-vacinal-em-paises-de-lingua-portuguesa/>

6 Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/medica-antivacina-covid-criancas/>

7 Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/video-medicos-vacina-covid-problemas-cardiacos/>

pretados pelos interlocutores no momento de consumo dos materiais manipulados. De maneira geral, os estudos de Van Dijk consistem em analisar como a reprodução de poder e desigualdades sociais é instaurada e legitimada por textos e discursos, com o intermédio da cognição.

Van Dijk (2010, p. 240) considera que manipular pessoas envolve manipular suas mentes, ou seja, as crenças das pessoas, conhecimentos, opiniões e ideologias as quais, por sua vez, controlam suas ações, salientando que é necessário distinguir formas legítimas das ilegítimas maneiras de exercer influência sobre a cognição dos indivíduos. O poder de persuasão demandado pelo exercício do professor⁸ seria, portanto, diferente do processo que ocorre quando grupos hegemônicos de poder fabricam materiais para disseminar visões particulares de eventos sociais em função de seus interesses. Esta forma de influência negativa se caracteriza por ser manipuladora.

Segundo Van Dijk (2010, p. 241), a Memória de Curto Prazo de cada indivíduo é responsável por receber informações (os aspectos discursivo-multissemióticos dos textos) e processá-las rapidamente para que cheguem, então, no momento de ativação de blocos de informações mais enraizados cognitivamente, localizados na chamada Memória de Longo Prazo. Nela, estariam as ideologias, crenças e conceitos pré-concebidos que cada indivíduo possui e que correspondem às suas experiências com os fatos sociais no mundo.

A Memória de Longo Prazo é, também, constituída de memórias pessoais de acordo com nossas experiências e histórias de vida, armazenadas enquanto representa-

ções mentais que estão, normalmente, associadas à Memória Episódica. Van Dijk (2010, p. 243-244) considera que contar uma história significa formular o modelo mental pessoal que temos de alguma experiência e, em função disso, compreender uma reportagem jornalística ou uma história envolve a construção desse modelo mental subjetivo pelos receptores⁹.

Assim, o autor entende que se os modelos mentais são importantes para a fala e para a compreensão de informações, pode-se esperar que a manipulação vise, especificamente, à formação, ativação, alteração e uso de modelos mentais na memória episódica. Então, aquele que lança mão de um discurso manipulado, ao desejar que seu interlocutor compreenda esse discurso a partir do modo como ele (o “manipulador”) o vê, pensa em estruturas linguísticas para atingir tal fim, restringindo a liberdade de interpretação de sua vítima ou, pelo menos, reduzindo a probabilidade de que entenda o discurso contra os interesses de quem o produziu.

Pensando na dinâmica de produção de *fake news*, é interessante para o produtor do material enganoso que ele conheça quais símbolos verbo-imagéticos projetam maior impacto no receptor das mensagens, a fim de causar nele euforia e facilitar o processo de redistribuição do material, no caso das redes sociais, através de compartilhamentos (SANTIAGO; ARAÚJO, 2022). Desta forma, considerando os efeitos contextuais suscitados pelas *fake news* coletadas, procuramos entender o que levou parte da população brasileira a rejeitar uma forma legítima de imunização contra um vírus que se mostrou letal e de fácil proliferação, uma vez que não nos pareceu razoável desprezar formas de resguardo de sua integridade física quando

8 Vale pontuar que é possível que determinados professores comunguem dos pressupostos adotados por esses grupos hegemônicos.

9 Termo utilizado pelo próprio autor.

se está vulnerável a uma patologia desconhecida à época.

3. Metodologia

Nesta análise documental, o corpus foi formado a partir de 6 (seis) *fake news*, cujo tópico central incidia sobre a(s) vacina(s) contra o Novo Coronavírus, difundidas nas redes sociais Twitter, Instagram e Facebook. Para compor nossa amostra, os textos foram retirados de sites de verificação de notícias, tais como as agências Lupa, Aos Fatos e E-farsas. No geral, as seis *fake news* analisadas abordavam a questão da vacina sob 4 subtópicos: *i*: vacina contendo nano chip; *ii*: contendo células de fetos abortados; *iii*: causando reações gravíssimas nos vacinados; *iv*: causando paralisia de Bell.

Selecionamos dados que apontassem para estratégias consideradas nos momentos de produção e propagação de *fake news* nas redes sociais supracitadas cujas análises nos permitam relacionar os textos com a percepção e a recepção do público a respeito das vacinas para Coronavírus — tema do material coletado. Desse modo, esse exercício de análise permite, ainda, chegarmos nas pistas que sinalizam para a manipulação discursiva e sociocognitiva construída em torno do tema. Sendo assim, para atender o objetivo específico I, que trata da descrição dos processos de produção, distribuição e consumo de *fake news* no Twitter, Facebook e Instagram, além de fazermos capturas de tela das *fake news*, conforme critérios de seleção já expostos, procedemos da seguinte maneira:

1. Descrição dos aspectos discursivo-multissemióticos empregados na produção das *fake news* coletadas, ou seja, elementos relativos ao domínio verbal, bem como à sua composição imagética;

2. Descrição dos tecnomecanismos envolvidos nas redes sociais em que esses materiais foram distribuídos, isto é, de onde foram coletados, uma vez que as regras e recursos tecnológicos inerentes a uma rede social, não serão os mesmos de uma outra rede, orientando, portanto, o modo como os materiais poderão circular e atingir os interlocutores pretendidos;
3. Descrição do sistema de crenças e valores associados aos referentes multissemióticos empregados na *fake news* coletadas, uma vez que influem sobre o modo como tais materiais são consumidos por atores sociais de diferentes grupos ideológicos.

Para o alcance do objetivo específico II, que trata da relação entre a prática discursiva de desinformação através de *fake news* e o processo de manipulação discursiva, procedemos da seguinte maneira:

1. Descrição do modo como os referentes multissemióticos dispostos nas *fake news* coletadas são processados nas memórias de curto e longo prazo dos atores sociais;
2. Relacionar os referentes multissemióticos aos efeitos contextuais, isto é, aos problemas sociais mantidos pela manipulação efetivada do sistema de crenças dos atores sociais que consumiram as *fake news* coletadas. A efetivação da manipulação é constatada pelas pistas linguísticas deixadas pelos sujeitos que, ao compartilharem o material enganoso nas redes sociais, declaram-se adeptos a uma conduta negacionista da vacina contra a covid-19.

A seguir, apresentamos os dados coletados para sua posterior análise e discussão.


4. Análise dos dados

Esta seção demonstra os resultados obtidos através de uma organização textual que perpassa a análise de aspectos semióticos e discursivos (em um quadro dividido por aspectos verbais e visuais) e a análise dos efeitos de sentido provocados pelos esforços envolvidos na produção das peças analisadas.

4.1 Análise de aspectos semióticos e discursivos

Ao que concerne à imagem, priorizamos a minuciosa descrição de aspectos como figuras de primeiro, segundo e terceiro plano, centralidade, tamanho, cores, partes do corpo expostas, saliências visuais e se o produtor da *fake news* utilizou outros aspectos imagéticos como emoji e distorções da imagem original (como inclusão de frases, símbolos ou caracteres especiais etc.), como demonstra o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Sobre os recursos verbo-imagéticos das *fake news* coletadas.

<p style="text-align: center;">FN 1 - VACINA VEM COM NANO CHIP PARA RASTREIO PELO 5G</p> <p>Fonte: https://www.aosfatos.org/noticias/vacinas-testadas-contracovid-19-nao-usam-nanochip-para-rastrear-pessoas-pelo-5g/ - Agência Aos Fatos (ago/2020)</p>	
	
VISUAL	VERBAL
<ul style="list-style-type: none"> • Símbolo rabiscado em uma das imagens componentes enfatizando um suposto nano chip; • estrutura genérica de post no Facebook; • duas imagens aproximadas e em primeiro plano de dedos reais com ponto brilhante (sugestivo de nano chip) e com agulha semi-penetrada na pele (sugestiva da aplicação de vacina). 	<ul style="list-style-type: none"> • Hipérbole em “nunca mais será livre, nunca mais mesmo”; • macroato de fala de acusação “eles te controlarão”; • predição e enumeração de efeitos consequentes da injeção do nano chip; • tempos e modos verbais: futuro do presente do indicativo; • evoca o interlocutor e sua atenção: “olha aí o nano chip” - imperativo • linguagem pejorativa e incerta: “esgane-se lá em qual mais quiseram a do Bill Gates”; • inadequação ortográfica: “mais quiseram a do Bill”. • enunciador se opõe à vacinação representada e se aproxima do interlocutor com pronomes oblíquos (“te”)

FN2 E FN3 - VACINA CAUSA PARALISIA DE BELL EM 4 VOLUNTÁRIOS DA PFIZER

Fonte: <https://www.e-farsas.com/nao-ha-evidencias-conclusivas-que-a-vacina-da-pfizer-tenha-causado-a-paralisia-de-bell-em-voluntarios.html> - Agência E-Farsas (dez/2020)

Henriette Di Cavalcanti
2 hrs · 🌐
Pois é a paralisia de BELL é o primeiro efeito colateral da vacina.E se tiverem outros????



LINK.CONEXAOPOLITICA.COM.BR
Paralisia de Bell: o evento adverso de 4 voluntários da Pfizer

Adriano Videira @videira_adriano
Follow

Quatro voluntários da vacina Pfizer desenvolveram paralisia de Bell ... A paralisia de Bell é uma condição que causa fraqueza ou paralisia dos músculos do rosto ... A condição faz com que um lado do rosto fique caído ou rígido. 🙄🙄
zeenews.india.com/world/covid-19 ...



3:55 AM - 11 Dec 2020

86 Retweets 213 Likes

29 86 213

VISUAL

- Imagem real de uma pessoa se vacinando em primeiro plano (print 1);
- imagem real de 3 pessoas com o rosto paralisado, dispostos em paralelo e em primeiro plano - print 2;
- estrutura genérica de post no Facebook (print 1) e no Twitter (print 2)
- uso de emoji sugestivo de atenção / observação (print 2);

VERBAL


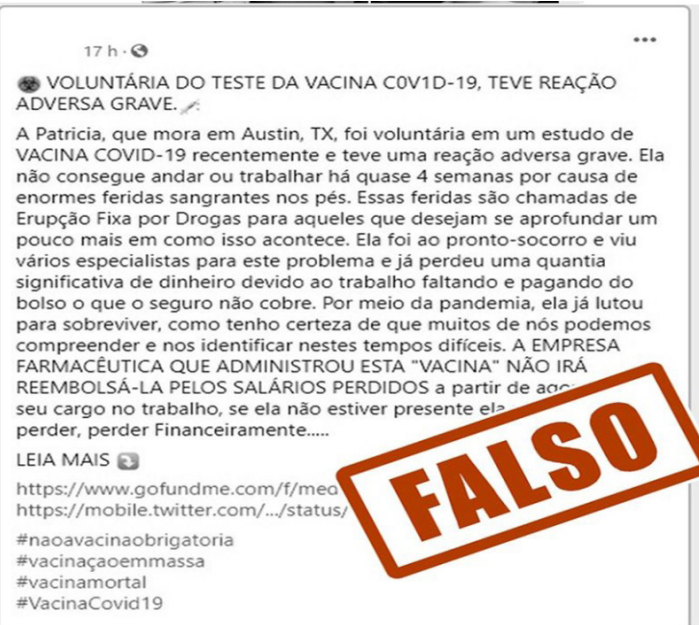
- Pressuposição generalizada “e se tiverem outros????” (print 1);
- caixa alta em “BELL” (print 1);
- pontos de interrogação 3x sugerindo intensidade da preocupação (print 1);
- tempos e modos verbais: presente do indicativo - constatação “é o primeiro efeito” (print 1);
- legenda com estrutura frasal de notícia: anuncia o fato e depois o explica (print 2);
- hiperlink que leva para a notícia completa (print 2);
- tempos e modos verbais: pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo (print 2).

FN4 - VACINA CORONAVAC UTILIZA CÉLULAS DE FETOS ABORTADOS

Fonte: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-coronavac-usa-celulas-de-bebes-abortados/> - Agência Aos Fatos (jul/2020)



VISUAL	VERBAL
<ul style="list-style-type: none"> • Título em primeiro plano na cor amarelo e em branco um subtítulo em fonte menor; • imagem real de uma seringa vermelha em segundo plano; • imagem distorcida de João Dória em terceiro plano; • bandeiras da China cobrindo os olhos de Dória - alusão ao comunismo; • logomarcas de perfil de direita e Tag “vem pra direita floripa” ao lado de logo da bandeira do Brasil; • estrutura genérica de post no Facebook. 	<ul style="list-style-type: none"> • Manchete com tempo verbal no presente do indicativo - constatação; • estrutura frasal de notícia; • frase interrogativa com verbo taxativo “revelar”, sugerindo descoberta de algo antes secreto; • enunciador se opõe à figura pública representada por meio de uma pergunta retórica na legenda escrita na cor branca.

<p>FN5 E FN6 - REAÇÕES GRAVES À VACINA CONTRA COVID-19 Fonte 1: https://www.instagram.com/p/Clg9mZSnKdt/ - Instagram Agência Lupa (jan/2021) Fonte 2: https://www.instagram.com/p/CKfjft6nT-l/ - Instagram Agência Lupa (dez/2020)</p>	
 <p>As duas técnicas de enfermagem Fazendo reação pós vacina As duas enfermeiras do hospital de paraty RJ. Acabam de ser internadas imediatamente com vômitos e passando mal devido às vacinas do COVID 19 CORONAVAC CHINESA. Ela estão com reações adversas graves!</p> <p>Lupa REDES CORDIAIS</p>	 <p>17 h · 🌐</p> <p>👤 VOLUNTÁRIA DO TESTE DA VACINA COVID-19, TEVE REAÇÃO ADVERSA GRAVE. 🚨</p> <p>A Patricia, que mora em Austin, TX, foi voluntária em um estudo de VACINA COVID-19 recentemente e teve uma reação adversa grave. Ela não consegue andar ou trabalhar há quase 4 semanas por causa de enormes feridas sangrantes nos pés. Essas feridas são chamadas de Erupção Fixa por Drogas para aqueles que desejam se aprofundar um pouco mais em como isso acontece. Ela foi ao pronto-socorro e viu vários especialistas para este problema e já perdeu uma quantia significativa de dinheiro devido ao trabalho faltando e pagando do bolso o que o seguro não cobre. Por meio da pandemia, ela já lutou para sobreviver, como tenho certeza de que muitos de nós podemos compreender e nos identificar nestes tempos difíceis. A EMPRESA FARMACÉUTICA QUE ADMINISTROU ESTA "VACINA" NÃO IRÁ REEMBOLSÁ-LA PELOS SALÁRIOS PERDIDOS a partir de agora seu cargo no trabalho, se ela não estiver presente ela perder, perder financeiramente.....</p> <p>LEIA MAIS 📖</p> <p>https://www.gofundme.com/f/meo https://mobile.twitter.com/.../status/</p> <p>#naoavacinaobrigatoria #vacinaoemmassa #vacinamortal #VacinaCovid19</p> <p>Lupa REDES CORDIAIS</p>
<p>VISUAL</p>	<p>VERBAL</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Imagens de técnicas enfermagem em condição física adversa, aparentemente nauseadas (print 1); • estrutura de post no Facebook (print 1) e (print 2); • emoji de vacina (print 2) aludindo ao conteúdo do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso do aspecto verbal para denotar fato que aconteceu há pouco tempo: “acabam de ser [...]” (print 1); • uso de advérbio de tempo para especificar urgência do processo verbal “internar”: “imediatamente” (print 1); • caixa alta em “CoronaVac chinesa” para salientar a origem da vacina utilizada; • generalização: “devido às vacinas” - uso de plural para generalizar a suposta vacina tomada (print 1) • caixa alta no título e na sentença que fala sobre a farmacêutica que supostamente administrou tal vacina (print 2); • uso de hiperlink com suposta matéria completa (print 2); • uso de hashtags negativas à vacina (print 2); • enunciador aproxima-se do interlocutor: “muitos de nós podemos compreender e nos identificar” (print 2); • aspas em “vacina” e digitação codificada do termo “Covid” (título) - sugerindo preconceito do enunciador: “c0v1d” (print 2); • tempos verbais: presente do indicativo (print 1 e 2) e pretérito perfeito do indicativo (print 2).

Fonte: elaborado pelos autores.

Conforme visto na figura acima, encontramos os seguintes traços, quanto à análise imagética das *fake news* coletadas: uso centralizado de símbolos referentes ao ato de vacinar-se, de ilustrações ou imagens de figuras públicas relacionadas (in)diretamente às vacinas em primeiro plano; fontes destacadas em cores (de alta saturação e/ou em negrito) e em tamanho (caixa alta); estrutura genéricas típicas da notícia jornalística (manchete em primeiro plano e imagem representativa em segundo plano); emojis de bandeiras (do Brasil, dos EUA ou da China) ou emojis diversos; uso de caracteres especiais como apóstrofo, asterisco ou mesmo números como alternativa estilística para não explicitar termos que poderiam ser barrados pelo algoritmo das redes sociais em que os materiais circulam: “vac’ina”, “ch1na” ou “c0v1d”.

Quanto à análise discursiva (verbal), encontramos os seguintes traços: enunciador que se opõe a figura representada (seja a vacina, seja uma figura pública relacionada a ela) e se aproxima do interlocutor; falhas ortográficas; alusão; macroato de fala - acusação; hipérbole; estrutura de comentário-resposta a um post anteriormente publicado; léxico pejorativo; apassivação do processo verbal com foco no objeto – ex.: “células de fetos são utilizadas [...]”; uso de tempos

verbais, registro formal e estruturas frasais típicas da notícia jornalística e da propaganda (verbos no presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, imperativo, estrutura objeto + verbo + sujeito, vocativo convocando resposta do interlocutor), conferindo efeitos de credibilidade, legitimidade e fiabilidade à informação.

4.2 Análise dos efeitos contextuais

Neste nível de análise, os usuários comuns, logo após processarem e interpretarem as *fake news* em seu sistema cognitivo, acrescentam legendas a elas no ato do compartilhamento em redes sociais, em um processo de redistribuição aos seus pares ideológicos. Fizemos, então, inferências a partir dessas legendas e propusemos uma organização dos efeitos contextuais em um quadro que os dividissem em termos de episódios de memória suscitados, crenças suscitadas, grupo social evocado e problemas sociais mantidos.

Pudemos dividir, ainda, as *fake news* coletadas em quatro subtópicos, a saber, vacina como dispositivo de rastreamento, vacina como causa para paralisia de Bell, vacina associada ao aborto e vacina como causadora de reações adversas graves, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 2 - Impressões e efeitos contextuais das *fake news* coletadas por subtópico.

EPISÓDIOS DE MEMÓRIA SUSCITADOS	CRENÇAS SUSCITADAS	GRUPO SOCIAL EVOCADO	PROBLEMA SOCIAL MANTIDO (EFEITO CONTEX.)
Vacina como dispositivo de rastreamento (FN1)			
-Revolta da vacina (contexto de obrigatoriedade da vacina) - embate ideológico entre grupos de esquerda x direita	-Nova ordem mundial e outras conspirações sobre controle da espécie humana. -Outroapresentação negativa da vacina (com suposto nano chip 5G)	grupos anti-vacina	<ul style="list-style-type: none"> • não-imunização populacional; • desvalorização da ciência. • amedrontamento /alienação da população

Vacina como causa para paralisia de Bell (FN 2 e 3)			
-Revolta da vacina (contexto de obrigatoriedade da vacina) -embate ideológico entre grupos de esquerda x direita	-Efeitos colaterais danosos como trombozes permanentes nos rostos de quaisquer vacinados pela Pfizer -Outroapresentação negativa da vacina da Pfizer	grupos antivacina	<ul style="list-style-type: none"> • não-imunização populacional; • desvalorização da ciência. • amedrontamento /alienação da população
Vacina associada ao aborto (FN4)			
-Revolta da vacina (contexto de obrigatoriedade da vacina) -embate ideológico entre grupos de esquerda x direita	-Tabu com o assunto aborto Elites globais defendem vacina com composição negativa e até prejudicial à saúde -Outroapresentação negativa de João Dória e da vacina (supostamente feita de abortos)	grupos antivacina cristãos antiaborto	<ul style="list-style-type: none"> • não-imunização populacional; • desvalorização da ciência. • amedrontamento /alienação da população
Vacina como causadora de reações adversas graves (FN 5 e 6)			
-Revolta da vacina (contexto de obrigatoriedade da vacina) -embate ideológico entre grupos de esquerda x direita	-vacina que causa danos físicos graves ou irreversíveis; -exposição desnecessária à vacina; -Outroapresentação negativa da vacina (especificamente chinesa ou no geral).	grupos antivacina	<ul style="list-style-type: none"> • não-imunização populacional; • desvalorização da ciência. • Fomento de práticas xenofóbicas contra a China; • amedrontamento /alienação da população.

Fonte: elaborado pelos autores.

No tocante aos efeitos contextuais relacionados ao que o produtor da *fake news* quis manipular nos interlocutores, ou seja, a quais interpretações o produtor quis incitar quando lançou mão desses artifícios de manipulação, encontramos os seguintes elementos: outroapresentação negativa (seja da vacina generalizada, seja de uma figura pública a ela relacionada); autoapresentação positiva (enunciador); reforço a convicções prévias do interlocutor sobre o evento histórico da revolta da vacina; reforço a convicções prévias do interlocutor sobre candidatos ou símbolos representativos do espectro político de esquerda; reforço a convicções prévias do interlocutor sobre pau-

tas de disputa política e religiosa; reforço a convicções prévias do interlocutor sobre efeitos colaterais nocivos dos imunizantes; reforço a convicções prévias do interlocutor sobre teorias conspiracionistas; insinuação da participação de figuras públicas em projetos conspiratórios envolvendo a distribuição e aplicação de vacinas, gerando medo na população, baixa adesão e descredibilização dos imunizantes.

5. Discussão dos resultados

Com relação ao processo de produção de *fake news* sobre as vacinas contra Covid-19, nossa análise nos permitiu inferir que símbolos como a bandeira da China, cores aver-

melhadas e imagens de figuras políticas publicamente favoráveis à vacinação podem causar maior euforia nos receptores de materiais deste cunho, tendo em vista o reforço ao discurso xenofóbico de que a origem do Coronavírus se deu na China, bem como sua associação a um suposto projeto comunista, rejeitado por grupos da direita política no Brasil.

Observou-se uma interpretação conspiratória da pandemia como um mal arquitetado sob os interesses particulares dos cientistas chineses pelo controle populacional, em parceria com outras figuras públicas de poder influente como Bill Gates. A FN1, presente no Quadro 1, mostra afirmações hiperbólicas e generalistas sobre o potencial da vacina de controlar, por meio de uma suposta tecnologia 5G, a localização e a saúde de quem fosse vacinado “*esgane-se lá em qual [vacina]*”. Os grupos antivacina no Brasil, portanto, são o público mais suscetível a se sentirem atingidos cognitivamente e comportamentalmente por *fake news* com os símbolos supracitados.

Em nossa pesquisa, optamos pelas agências de *fact-checking* Lupa, Aos Fatos e E-Farsas com base no critério da disponibilidade dos materiais, uma vez que estas apresentavam as *fake news* sobre as quais nos debruçamos na íntegra, apesar de colocarem sobre as peças as respectivas logomarcas das agências em forma de marca d’água.

Observamos que a produção de *fake news* está intimamente ligada à rede social de circulação desses materiais, uma vez que tais mídias possuem suas próprias políticas delimitadoras dos formatos de postagem aceitos. Logo, segundo nossa inferência e proposição, em redes sociais como o Facebook e o Instagram, por exemplo, *fake news* no formato de imagem com texto pode alcançar mais acessos, pois a semiose visual

pode conferir fiabilidade ao conteúdo verbal da *fake news*.

No WhatsApp, por outro lado, acreditamos que materiais com conteúdo escritos e de curta extensão, tendem a ganhar mais alcance pelo caráter intimista deste aplicativo. Não à toa, hoje, existe uma representação estereotipada socialmente conhecida que se refere aos indivíduos que compartilham mensagens de procedência questionável neste aplicativo, de maneira célere e sem verificação, como os famigerados “*tiozões do zap*”. Estes, exercem um papel fundamental na ressonância e reprodução dos interesses de grupos hegemônicos.

O Twitter, por sua vez, congrega atualizações textuais espontâneas, por vezes, organizadas em longas linhas de explanação, as chamadas *Threads*. Entretanto, observamos que as *fake news* divulgadas nesta rede social não se valiam de *threads*, o que nos faz concluir que não é importante para a produção de *fake news* a fundamentação das informações ali dispostas, mas sim, a produção de textos de rápido consumo, capazes de gerar euforia. Assim, é comum perceber legendas poucas vezes seguidas de uma imagem ilustrativa, com cunho de advertência aos demais.

É importante destacar, também, que, apesar de muitas *fake news* conterem explícitas inadequações sintáticas ou ortográficas, elas podem imitar a construção semiótica comum a notícias jornalísticas para manipular aqueles que não conferem a fonte ou a procedência dos dados ali postos. Isto acarreta a grande probabilidade que informações falsas possuem de serem redistribuídas nas redes sociais por se adequarem a um registro padrão de escrita.

Acerca da distribuição de *fake news*, observamos que todas as redes sociais envolvidas em nosso recorte possuem um meca-

nismo de compartilhamento que permite ao usuário acrescentar atualizações próprias de sua visão sobre o texto-fonte compartilhado. Nossa análise demonstrou que os materiais (re)distribuídos continham declarações explícitas da rejeição à vacina por motivos que envolveram, em suma, o medo dos efeitos colaterais da vacina, como tonturas e desmaios, paralisia facial ou mesmo a inserção de nanochips injetados na vacina com a finalidade de controlar a localização e saúde de quem se vacinasse contra a covid-19.

Acerca do consumo de *fake news* sobre a vacinação contra Covid-19, a análise apontou para uma dinâmica de retroatividade existente entre os momentos de distribuição e consumo, uma vez que *fake news* que geraram, no momento de consumo / interpretação, euforia, medo ou indignação na população sensível emocionalmente no cenário de crise, tenderam a ser mais redistribuídas.

Os processos de produção, distribuição e consumo de *fake news* estão intimamente relacionados à manipulação discursiva e sociocognitiva de massas, pois, conforme exposto anteriormente, é preciso que o produtor de notícias falsas tenha domínio de métricas de alcance de conteúdo em mídias digitais e seus formatos de conteúdo permitidos, para projetar quais interpretações acerca da mensagem serão feitas e, conseqüentemente, predizer os efeitos práticos na vida social que estes materiais irão causar.

Neste caso, acreditamos que *fake news* marcadas em sua multissemiótica pelos discursos políticos, religiosos e conspiratórios, podem ter mais notoriedade e, assim, influenciar a opinião pública sobre a eficácia das vacinas contra a Covid-19, por vezes fomentando práticas intolerantes e precon-

ceituosas como o racismo e a xenofobia. A rejeição à vacina, nesse contexto, representou aumento no número de mortes e de indivíduos expostos a um vírus letal pela carência de criticismo e pesquisa de qualidade por informações verídicas em rede.

5. Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a prática discursiva de desinformação através de *fake news* como recurso de manipulação de sujeitos, considerando a relação entre os processos de produção, distribuição e consumo de notícias falsas. Os pressupostos teórico-metodológicos que embasaram nossa análise foram provenientes das abordagens dialético-relacional (FAIRCLOUGH, 2001) e sociodiscursiva (VAN DIJK, 2010) da Análise de Discurso Crítica. A metodologia delineou-se através de uma pesquisa documental, por meio da qual foi possível realizar a curadoria de seis *fake news* disseminadas em redes sociais como o Facebook, Instagram e Twitter, e previamente verificadas por agências de *fact-checking*.

A análise de dados demonstrou alguns processos na produção verbo-imagética das *fake news*, dentre os quais destacamos, na dimensão visual, o uso de emojis com a bandeira da China, saliência em cores e tamanhos das fontes dispostas em primeiro plano nas imagens, figuras de seringa ou de figuras públicas associadas à figura da seringa para representar o ato de vacinação. Na dimensão verbal, por sua vez, destacamos processos de apassivação do processo verbal, léxico pejorativo e hiperbólico, macroatos de fala de acusações (infundadas) e estrutura textual que imita o gênero jornalístico notícia.

Com relação aos efeitos contextuais, constatamos que as crenças suscitadas atra-

vés do consumo destes materiais estão relacionadas a conceitos pré-estabelecidos em relação aos efeitos colaterais nocivos à saúde física dos vacinados, bem como crenças prévias em relação ao aborto e símbolos de cunho religioso, uma vez que se referiam a um suposto nanochip implantado na vacina contra a covid-19 como a marca da besta, descrita no livro bíblico Apocalipse e representativo do fim dos tempos.

Os problemas sociais mantidos por essas crenças que pudemos listar são a baixa adesão¹⁰ à vacina, em relação à população brasileira, ou mesmo a não-imunização populacional, desvalorização da ciência e o amedrontamento/alienação da população em relação ao ato de vacinar-se. A identificação das intenções e técnicas de produção inerentes aos materiais manipulados e distribuídos nessas redes sociais nos permitem aprimorar alternativas para combater os esforços dos manipuladores de informação, que constroem sua dinâmica de forma tão epidêmica quanto o avanço da Covid-19 no Brasil.

Acreditamos em novos caminhos possíveis para o combate à desinformação por *fake news*, além das medidas que já vêm sendo tomadas, como a elaboração de cartilhas que informam maneiras de identificar e denunciar materiais enganosos em rede, bem como as inúmeras publicações, podcasts, palestras ou rodas de conversa abertas ao público geral.

Ademais, pode-se pensar na evitação do contato dos sujeitos com textos desinformativos ou mesmo a não reprodução dessa espécie de conteúdo por veículos tradicionais

de comunicação, por meio de uma espécie de regulação do conteúdo que circula nas redes sociais. Isto porque, quando se lança luz para materiais fraudulentos, impostores ou falaciosos na intenção de combatê-los, pode-se causar o efeito indesejado de expor essa informação nova a sujeitos que antes a desconheciam, mas que, nessas circunstâncias, podem ser atingidos em alguma medida por meio desse encontro.

Essa regulação poderia contar com a ajuda de softwares de IA que, em parceria com agências de checagem, atuem no reconhecimento das informações verbais nas postagens de pessoas comuns ou veículos alternativos de informação. Também se pode pensar em multas para as redes sociais que mais protagonizam, por meio de seus usuários, as estatísticas de reprodução de fake News em seus ambientes digitais.

Ressaltamos que pensar alternativas de combate à desinformação deve envolver esforços resultantes de um trabalho conjunto entre cientistas sociais, da informação, da comunicação, da cognição e da linguagem. Esperamos suscitar novos estudos que discutam os interesses de grupos hegemônicos ligados à extrema direita no Brasil em promover a pauta antivacina, sobretudo em contextos de crise social ou sanitária. Assim, este estudo soma forças na luta pela retomada dos avanços científicos e demais progressos sociais em terras brasileiras, e espera fomentar a importância da busca pelo acesso à informação transparente e de qualidade em ambientes digitais.

Referências

BISOL, J. Politização da vacina é irresponsabilidade sanitária. **Cad. Ibero Am. Direito Sanit.** 16 de dezembro de 2020; 9(4):192-7. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/751>. Acesso em: 23 maio de 2023.

10 A influência das informações falsas no retorno de doenças antes erradicadas no Brasil é discutida na seguinte matéria: <https://www1.folha.uol.com.br/tv/2022/12/entenda-como-doencas-e-eliminadas-podem-voltar-a-assombrar-o-brasil.shtml>

CARVALHO, M. F. C. de; MATEUS, C. A. Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16901>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001. 316p.

FERREIRA, E. S. Desinformação, desinfodemia e letramento midiático e informacional – um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo Jair Bolsonaro e as formas de enfrentamento. In: ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. (org). **Desordem informacional e propagação de fake news**: a importância da formação do leitor. v. 25, n. 54, p. 96-128, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/26582>>. Acesso em: mar. 2023.

GOMES, L. S. **Whatsreal**: estratégias de disseminação de desordem informacional pelo WhatsApp e experimentação de seus efeitos na era da pós-verdade. 2022. 104f. Dissertação (Mestrado em Design de Comunicação) - Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/53718>>. Acesso em: 23 maio de 2023.

GOMES, V. M. **Um panorama da literatura brasileira de Ciência da Informação sobre desordem informacional**. 2022. 72f. TCC (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/253816>>. Acesso em: 23 maio de 2023.

HISSA, D. L. A. Desmediatização, Infodemia e fake news na cultura digital. In: ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. (org). **Desordem informacional e propagação de fake news**: a importância da formação do leitor. v. 25, n. 54, p. 40-67, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/26575>>. Acesso em: mar. 2023.

LOPES, M. A. P. T.; GOMES, F. S. Infodemia e construção sógnica – movimentos responsivos sob

a retórica da pós-verdade. In: ASSIS, J. A.; KOMESU, F.; POLLET, M. C. (org). **Desordem informacional e propagação de fake news**: a importância da formação do leitor. v. 25, n. 54, p. 40-67, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/26679>>. Acesso em: 23 maio de 2023.

LOPES, P.; DIAS, C. P. Soa a falso? Parece mentira? Desordem informacional, jornalismo e cidadania em tempos de incerteza. In REIS, B. **Um mundo de incertezas**: as leituras possíveis de um tempo pandêmico (29-49). Lisboa: NIP-C@M & UAL, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/5073/1/2.%20Paula%20Lopes_Carlos%20Pedro%20Dias.pdf>. Acesso em: 09 maio de 2023.

MUZELL, R. B. **Desinformação e propagabilidade**: uma análise da desordem informacional em grupos de WhatsApp. 2020. 102f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/16762>>. Acesso em: 09 maio de 2023.

RAIS, D.; NETO, R. A. F.; CIDRÃO, t. v. Psicologia política e as fake news nas eleições presidenciais de 2018. In: **Revista do RE-RS / Tribunal Regional Eleitoral**, Rio Grande do Sul. Ano 24 1, n. 46, p. 19-52, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://ava.tre-rs.jus.br/ejers/pluginfile.php/2884/mod_resource/content/1/Revista_TRE_46.pdf#page=16>. Acesso em: 23 maio de 2023.

SANTIAGO, A. H. R. **Prática discursiva de desinformação**: um estudo crítico sobre anúncios digitais falsos. 2024. 134f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/61935>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SANTIAGO, H. R.; ARAÚJO, J. Prática discursiva de desinformação: distribuição de anúncios digitais falsos em mídias sociais. 49-67. In: **(Des) ordem informacional nas redes sociais**: do discurso de ódio à liberdade de expressão. v. 14, n. 2, p. 49-57, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/issue/view/502>>. Acesso em: mar. 2023.

SANTOS, J. C. S. dos; SANTOS, V. M. R.; LAVIGNE, F. C. Desinformação, pós-verdade e comportamento humano: discussões plausíveis. **Biblos**, 34(2). <https://doi.org/10.14295/biblos.v34i2.11368>, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/11368>>. Acesso em: 09 maio de 2023.

TOBIAS, M. S.; CORRÊA, E. C. D. O paradigma social da Ciência da Informação: O fenômeno da pós-verdade e as fake news nas mídias sociais. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, ISSN 1414-0594, v. 24, n. 3, p. 560-579, 2019. Disponível em: <[https://dialnet.unirioja.](https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7389427)

[es/servlet/articulo?codigo=7389427](https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7389427)>. Acesso em: 23 maio de 2023.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010. 285p.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Recebido em: 14/02/2024

Aprovado em: 16/05/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.